

**OH TIO, ESTE JESUS NEM  
BRANCO É! REPENSANDO A  
IMAGÉTICA DE CRISTO ATRAVÉS  
DA CULTURA VISUAL, UM  
CONTRIBUTO À TEOLOGIA NEGRA  
E AFRICANA**

*OH UNCLE, THIS JESUS IS NOT  
WHITE! RETHINKING THE IMAGERY OF  
CHRIST THROUGH VISUAL CULTURE, A  
CONTRIBUTION TO BLACK AND AFRICAN  
THEOLOGY*

**Emiliano Jamba António João**

Mestrando em História Social pela UNICAMP; Graduado em Teologia e em Direito; Especialista em Docência em Filosofia e Teologia contemporânea; em Direitos Humanos e em Direito Constitucional; Membro do GT-Teologia e Negritude, Vinculado a FTL/Campinas. Contato: emilianojamba1@gmail.com

**Resumo:** O presente texto insere-se dentro das discussões atinentes à Teologia Negra e à Teologia Africana. Nele buscamos desconstruir e compreender o processo de embranquecimento em torno da figura de Cristo. A melhor forma de desconstruir este imaginário é partindo da história. Contudo, mesmo partindo da história, a resolução deste problema não se mostra assim tão fácil, pelo fato desta figura transcender igualmente a própria história. É diante deste fato que procuramos, neste texto, atrelar a teologia à história, acrescentando, obviamente, um outro elemento, que nós estamos denominando aqui de cultura visual, ou, simplesmente, iconografia. Este terceiro elemento é importante na medida em que foi através dele que se deu a disseminação uniforme da imagética que temos a respeito do Jesus Branco.

**Palavras-chave:** Jesus. Embranquecimento. Teologia Negra. Teologia Africana. Iconografia.

**Abstract:** This text is part of the discussions concerning Black Theology and African Theology. In it we seek to deconstruct and understand the process of whitening around the figure of Christ. The best way to deconstruct this imaginary is starting from history. However, even starting from history, the resolution of this problem is not that easy, because this figure also transcends history itself, it is in the face of this fact that we seek in this text to link theology to history, adding, obviously, another element, which we are calling here visual culture, or simply, iconography. This third element is important insofar as it was through it that the imagery we have about the White Jesus was uniformly disseminated.

**Keywords:** Jesus. Whitening. Black Theology. African Theology. Iconography.

## Introdução

Iniciarei este texto argumentando que, apesar de fazerem já alguns bons anos em que me encontro dentro dos debates sobre teologia e negritude, me considero sempre um aprendiz no que concerne à temática da imagética de um ser cuja tradição cristã o remete como sendo Deus e humano. Este fato, acaba

desta forma, por atribuir a este texto um caráter embrionário, ainda que haja já uma vasta pesquisa nossa e de tantos outro(a)s intelectuais sobre o processo de ocidentalização e subalternização de outros polos de mundo denominado na academia de o sul epistêmico<sup>1</sup>.

Assim, o presente texto parte deste lugar que é paradoxalmente também, um não lugar, e se propõe pensar a respeito do processo de branqueamento da pessoa de Jesus e seus efeitos para aquele(a)s que creem ou não neste Ser que teologicamente é entendido como sendo Deus e humano e historicamente comprovado como tendo habitado a terra (João 1). Sendo Ele uma figura que transcende a história e remetido igualmente ao campo teológico, procuraremos neste texto igualmente por percorrer nossa análise em dois caminhos: do ponto de vista teológico e do ponto de visto histórico. Em ambos os casos, uma pergunta se torna imperativa: De que forma a experiência de vida do sujeito que se relaciona com a figura de Jesus é influenciada pela imagética que se tem a cerca deste mesmo Jesus? Ou dito de forma inversa: o que a figura de Jesus tem a dizer à experiência de vida do sujeito que com ele se relaciona? Estas e outras são algumas das perguntas que procuraremos responder neste ensaio, obviamente, tendo em mente aquilo que motivou a escrita de nosso texto: analisar o processo de branqueamento da figura de Cristo e seus efeitos na construção de um mundo antirracista.

Alguns anos atrás, assisti um programa angolano de humor denominado de “no Cubico dos Tuneza”, exibido em um horário nobre de domingo por uma TV aberta, destinado a toda família angolana, cuja temática foi o natal do menino Jesus. Neste episódio, que contou com a participação de crianças, havia um dos integrantes do grupo contando para as crianças a respeito da história e nascimento de Jesus. À medida que a trama se desenrolava, uma cena em especial chamou a minha atenção, pois enquanto o narrador da história detalhava o nascimento de Jesus, este foi interrompido por uma das crianças afim, desta, manifestar sua total indignação ao ver um boneco preto sendo representado como Jesus: “oh tio, você estás nos mentindo, este Jesus nem

---

<sup>1</sup> Ver: JOÃO, Emiliano Jamba António; BUENO, Rogério Donizetti (org.). *Teologia e Negritude: os deslocamentos da teologia a partir da experiência negra*. São Paulo: Recriar, 2019.

branco é”. Assim argumentou a criança, indicando para o boneco preto, ao passo que a plateia sorria, como se o menino estivesse certo, o personagem que fazia o papel do narrador justificou-se dizendo: “é que o menino Jesus pegou muito sol hoje”. E novamente a plateia sorria e aplaudia.

Apesar de se tratar de um programa de humor, o fato é preocupante, na medida em que reflete o imaginário de toda uma nação a respeito da figura de Cristo. Um imaginário falso, mas que foi imposto como verdade absoluta, e, portanto, motivo de piada para quem o contrariar. É neste sentido que, mais do que teologia – porém também – a melhor forma de desconstruir este imaginário é partindo da história. Contudo, mesmo partindo da história, a resolução deste problema não se mostra assim tão fácil, pelo fato desta figura transcender igualmente a própria história, é diante disso que teologia e história devem caminhar juntas, acrescentando, obviamente, um outro elemento, a iconografia. Este terceiro elemento é importante na medida em que foi através dele que se deu a disseminação uniforme da imagética que temos a respeito de Jesus Branco.

### **Jesus Branco: uma construção filosófica, teológica, histórica e iconográfica**

A ideia de um Jesus Branco é tão bizarra que apenas pode ser justificada pela pretensão supremacista europeia. Quer filosófica quanto teologicamente, ela é bastante débil, ao ponto de deixar-nos perplexos ao pensarmos como uma narrativa tão "capenga" acabou por se instituir como verdade absoluta e universal, ainda mais se recolocada no espectro da geopolítica do mundo bíblico e da historiografia. O que podemos dizer, portanto, é que esta narrativa de um Jesus Branco é fruto do eurocentrismo que tomou conta da história mundial por diversos séculos, tendo como forte aliado a iconografia. E, como sabemos, as representações artísticas são fortemente influenciadas pelas referências culturais de quem as produz, e com a pessoa de Jesus esta premissa não ficou aquém. Renascentistas europeus do século XIII à XVI se empenharam em dar uma cara a Jesus Cristo que se adequasse a suas concepções de belo e transcendente. Assim, apesar de escassos registros bíblicos sobre a fisionomia de Jesus, entre 1350 e 1600, renascentistas passaram a circular diversas

representações sobre o possível rosto de Jesus que até hoje pairam em nosso imaginário. É o caso da imagem de Jesus no retrato da Última Ceia de Leonardo da Vinci ou mesmo o Juízo Final de Michelangelo na Capela Sistina, todos eles reproduzidos durante o período da renascença:

**Figura 1:** A Última Ceia (Leonardo da Vinci – 1495-1498).



**Fonte:** Wikipédia.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> A ÚLTIMA CEIA (Leonardo da Vinci). *Wikipédia*, 27 maio 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_%C3%9Altima\\_Ceia\\_\(Leonardo\\_da\\_Vinci\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%9Altima_Ceia_(Leonardo_da_Vinci)). Acesso em: 18 ago. 2022.

**Figura 2:** O Juízo Final (Michelangelo – 1535-1541).



**Fonte:** Wikipédia.<sup>3</sup>

Contudo, estas imagens não foram as únicas nem as primeiras a circularem em torno da figura de Jesus, já que os primeiros registros tiveram natureza mítica, ou seja, sem comprovação de sua veracidade. É o caso dos autorretratos como a milagrosa “imagem não feita por mãos humanas”, ou acheiropoietos. Uma crença que se originou no século 7 d.C., com base nesta lenda, Cristo teria curado o rei Abgar de Edessa na atual Urfa, na Turquia, através de uma imagem milagrosa de seu rosto, agora conhecida como Mandylion. Uma outra lenda semelhante adotada pelo cristianismo ocidental entre os séculos 11 e 14, foi a do Sudário de Verônica, também chamado de Véu de Verônica ou Santo Sudário, que se perfila como sendo a imagem mais real de Jesus e, constituindo-se na atualidade, numa relíquia católica<sup>4</sup>. Uma outra

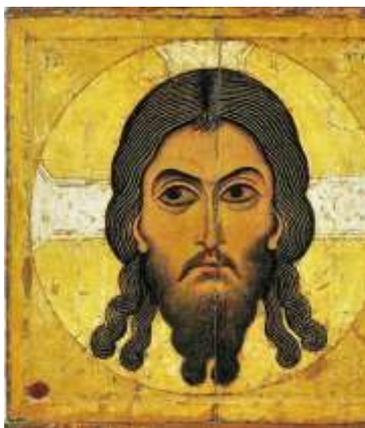
---

<sup>3</sup> JUÍZO FINAL (MICHELANGELO). *Wikipédia*, 16 mar. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo\\_Final\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo_Final_(Michelangelo)). Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>4</sup> Segundo o mito, a representação mais fiel de Jesus Cristo se dá pelo Sudário de Verônica, que consiste em uma toalha de pano que é marcado por alguns traços que poderiam ser o de Jesus. Este mito conta como, antes de sua morte por crucificação, Cristo deixou uma impressão de seu rosto no véu de Santa Verônica, uma imagem conhecida como volto santo, ou “Rosto Santo”. Ver: HOUSE, Anna Swartwood. A longa história de como Jesus veio a se parecer com um europeu branco. *Revista Planeta*, 18 jul. 2020, on-line. Disponível em:

imagem importante nesta tentativa de ilustrar Jesus, foi o Cristo Coroado de Espinhos”, de Antonello da Messina.

**Figura 3:** Acheiropietos.



**Fonte:** Revista Planeta (Galeria Tretiakov, Mosc)<sup>5</sup>

**Figura 4:** Sudário de Verônica.



**Fonte:** Revista Planeta.<sup>6</sup>

**Figura 5:** Cristo Coroado de Espinhos.



**Fonte:** Revista Planeta (Metropolitan Museum, N.Y).<sup>7</sup>

Segundo a Historiadora House, estas três imagens, juntamente com outras semelhantes a elas, “formaram a base de tradições icônicas sobre a ‘imagem verdadeira’ de Cristo.” Foram delas, por exemplo, que se inspirariam os autorretratistas da renascença que, correlacionando a figura de Jesus a eles mesmos, desenhavam um Jesus à sua própria semelhança: “No Renascimento, artistas europeus começaram a combinar o ícone e o retrato, fazendo Cristo à sua própria semelhança”. Segundo Anna House, isso aconteceu por várias razões, “desde a identificação com o sofrimento humano de Cristo até o comentário sobre o próprio poder criativo”. Do ponto de vista da história da arte, esta historiadora nos diz que “esses artefatos reforçavam uma imagem já padronizada de um Cristo barbudo, com cabelos escuros na altura dos ombros”<sup>8</sup>.

---

<https://www.revistaplaneta.com.br/a-longa-historia-de-como-jesus-veio-a-se-parecer-com-um-europeu-branco/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>5</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>6</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>7</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>8</sup> HOUSE, 2020, on-line.

Portanto, as imagens míticas, apesar de destoarem das imagens historicamente comprovadas, como o desenho encontrado em uma antiga escola da guarda imperial, na parede do Pedagogium e datado no século III<sup>9</sup>, deram uma base para a iconografia posterior a elas. Falamos que elas destoavam porque as imagens do Sec. III que retratavam a Jesus eram bastante contrastantes com as imagens que surgiram posteriormente a este século III. A diferença dava-se, sobretudo, pelo carácter sincrético que estes artistas possuíam e remetiam em suas artes, combinando formatos visuais de outras culturas com as suas. É um bom exemplo desta arte sincrética, a imagem do Cristo como o Bom Pastor, uma figura jovem e sem barba, baseada nas representações pagãs de Orfeu, Hermes e Apolo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> A imagem conta com um homem que está sendo crucificado, no lugar da sua cabeça encontra-se uma cabeça de asno, há ainda um grego prestando adoração a ele. Essa é uma imagem bem depreciativa, e provavelmente foi feita por alguém que não se sentia convencido com a história de Cristo, no entanto, não há nada que aponte um autor. QUEM CRIOU A Primeira Imagem De Jesus? *Cultura Mix*, © 2022. Disponível em: <https://religiao.culturamix.com/religiosidades/quem-criou-a-primeira-imagem-de-jesus/>. Acesso em: 5 set. 2022.

<sup>10</sup> André Leonardo Chevitarese, professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor do livro *Jesus Histórico – Uma Brevíssima Introdução*, diz que as primeiras iconografias conhecidas de Jesus, que datam do século 3, traziam-no como um jovem imberbe e de cabelos curtos. "Era muito mais a representação de um jovem filósofo, um professor, do que um deus barbudo", pontua ele. Esta mesma informação nos é confirmada pela professora e pesquisadora Wilma Steagall De Tommaso, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do Museu de Arte Sacra de São Paulo e membro da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião: "No centro da iconografia paleocristã, Cristo aparece sob diversas angulações: com o rosto barbado, como um filósofo ou mestre; ou imberbe, com o rosto apolíneo; com o pálio ou a túnica; com o semblante do deus Sol ou de humilde pastor". VEIGA, Edison. O que os historiadores dizem sobre a real aparência de Jesus. *BBC Brasil*, 28 mar. 2018, on-line. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>. Acesso em: 5 set. 2022.

**Figura 6:** O Bom Pastor (Joseph Wilpert)



**Fonte:** Revista Planeta.<sup>11</sup>

Ora, se anteriormente Jesus era representado em sua maioria como sendo um jovem, sem barba e camponês (pastor), com a legalização do cristianismo ao império romano por Constantino, a imagem de Jesus passou a assumir igualmente uma característica poderosa e imperial, um ser que remetia a imagética grega e romana (quer dos deuses quanto de filósofos), isto é, Branco, barbudo etc., estética muito próxima do tipo convencional que surgiria mais tarde na idade média com os renascentistas e se projetou na modernidade. De forma categórica, podemos afirmar que a imagem mundialmente famosa de Jesus nos dias de hoje surgiu durante o período da Idade Média, no auge do Império Bizantino. Nesse período, a imagem desejada de Jesus era a de um ser invencível, e que se assemelhava com os reis da época, para que assim eles também se tornassem próximos de divindades.

Como vimos, a idade média marcou a iconografia religiosa fazendo surgir cada vez mais imagens de Jesus semelhantes a dos sujeitos que o desenhavam, o fenômeno em questão não se restringiu aos renascentistas europeus já que, segundo House, imagens de Jesus com traços etíopes e indianos passaram igualmente a surgir entre os séculos 16 e 17. No entanto, segundo esta mesma autora, estas imagens não conseguiram se firmar diante da imagem de um “Cristo europeu de pele clara que

---

<sup>11</sup> HOUSE, 2020, on-line.

acabou por [se impor noutras] partes do mundo através do comércio e da colonização europeia”<sup>12</sup>. Sim, a colonização foi importante neste aspecto porque é preciso constantemente lembrarmos que quando o cristianismo chega noutras localidades via processo civilizacional, o que se recebeu foi, na verdade, “dois quilos de evangelho embrulhado em duas toneladas de cultura europeia, escravagista e racista”<sup>13</sup>. E, nesta cultura, um Jesus de pele contrária ao dos brancos europeus seria um desastre total. Afinal, como os Senhores de escravizados, os mercadores de escravizados, os caçadores de escravizados, em sua grande maioria cristãos, poderiam lidar com o fato de seu Deus ter a cor da pele do povo que eles escravizavam?

Um bom exemplo deste projeto colonial que nos remete a este processo de embranquecimento de Jesus é ilustrado na imagem da Adoração dos Reis Magos, do pintor italiano Andrea Mantegna, de 1505 d.C. Nele vemos um Jesus e sua mãe claramente europeus, com pele branca e olhos azuis, que sugerem que eles não são do Oriente Médio, nem de raízes afro-asiáticas, características estas, proposital e detalhadamente atribuídas aos reis magos que os visitavam.

**Figura 7:** Adoração dos Magos (Andrea Mantegna).



**Fonte:** Revista Planeta (Museu J. Paul Getty).<sup>14</sup>

<sup>12</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>13</sup> BERLOFA, João Paulo; FARIAS, Elias Soares. *O Negro Nazareno*. São Paulo: Recriar, 2021. p. 13.

<sup>14</sup> HOUSE, 2020, on-line.

A deslocação geopolítica de Cristo, bem como a “perversão / construção” de sua imagética foi, portanto, fruto das ideologias racistas do séc. XVIII ao séc. XX. Eis o que Anna Arendt nos diz a respeito da ideologia racista:

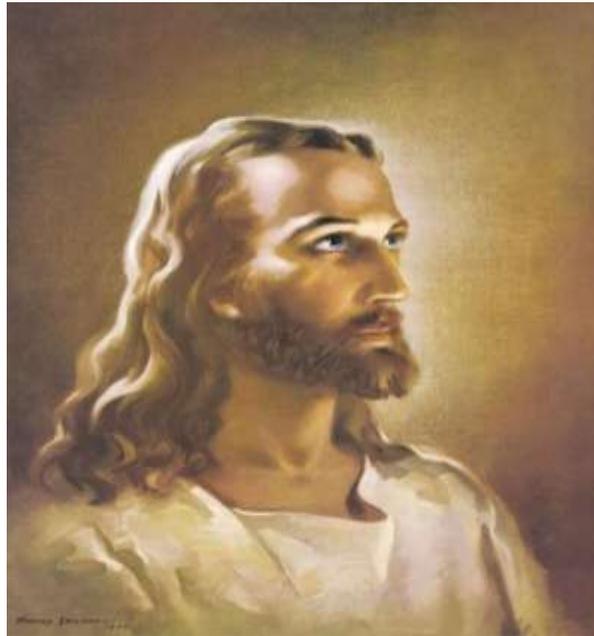
A ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX. Desde o início do século XX, o racismo reforçou a ideologia da política imperialista [...] nem mesmo a escravidão, embora estabelecida em base estritamente racial, engendrou ideologias racistas entre os povos escravizadores antes do séc. XIX [...] o pensamento racial constituía uma fonte de argumentos de conveniência para diversos conflitos políticos, mas nunca monopolizou a vida política dos respectivos países [...] é provável que esse racismo tivesse desaparecido a tempo, juntamente com outras opiniões irresponsáveis do século XIX, se a corrida para a África e a nova era do imperialismo nem houvessem exposto a população da Europa ocidental a novas e chocantes experiências. O imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única ‘explicação’ e justificativa dos seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado. Mas como existiu, o racismo recebeu considerável substância teórica.<sup>15</sup>

Dito de outra forma, com as inundações teóricas racistas desenvolvidas nestes séculos, a imagem de um Jesus que contemplava outras identidades fora apagada pelo projeto da branquitude (imperialismo, colonização etc.). Assim, não é por acaso que, a mais divulgada das imagens cujo imaginário inunda nossa concepção estética de Jesus tenha sido proveniente do séc. XIX, no olho do furacão da colonização e do amadurecimento das teorias raciais. Nos referimos a Cabeça de Jesus, de Warner Sallman, um ex-artista comercial que criou artes para campanhas publicitárias e comercializou com sucesso a sua imagem de Jesus em todo o mundo. Um Jesus de olhos e cabelos claros, conforme a imagem abaixo nos mostra.

---

<sup>15</sup> ARENDT, Anna. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 251-252.

**Figura 8:** Cabeça de Cristo (Warner Sallman – 1940).



**Fonte:** Revista Planeta.<sup>16</sup>

Sallman, em parceria com duas editoras cristãs, uma protestante e a outra católica, certificou-se que seu Jesus moldasse a maneira com que toda a humanidade representaria a Jesus, inclusive a forma com que o enxergaríamos, já que, sua Cabeça de Cristo, “passou a ser incluída em tudo, desde cartões de oração a vitrais, pinturas, óleo artificiais, calendários, hinários e abajures”<sup>17</sup>.

A pintura de Sallman foi, portanto, a culminação de uma longa tradição de europeus brancos criando e divulgando imagens de Cristo feitas à sua própria imagem. Criando assim um estereótipo universal e universalizante de Cristo. Contudo, a professora e historiadora da arte, Anna Swartwood House, já nos advertiu também que não foi apenas a Cabeça de Cristo de Warner Sallman a responsável pela universalização deste Jesus embranquecido, já que, uma grande proporção de atores que interpretaram Jesus na indústria cinematográfica corroborou igualmente, e talvez,

<sup>16</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>17</sup> HOUSE, 2020, on-line. Essa narrativa de um panteão divino branco (Jesus incluso) é ótima para o ocidente até mesmo do ponto de vista econômico, afinal, não podemos nos esquecer que religião, racismo e mercado estão sempre embricados um no outro.

até mais, para a proliferação do embranquecimento de Jesus, e na formatação universalizante de nosso imaginário coletivo sobre o Jesus branco de olhos azuis<sup>18</sup>.

De fato, a indústria cinematográfica contribuiu bastante para a construção da nossa imagética sobre Jesus<sup>19</sup>, sendo ela, talvez, a grande responsável por fazer com que crianças, como a descrita na minha introdução, enxergassem como sendo um grande absurdo e uma piada de muito mau gosto a figura de Jesus ser representada como Negro. É o triunfo do racismo que mascara o falso pelo real. Falarei mais sobre isso alguns parágrafos a frente. Por hora, cabe apenas dizermos que foram vários séculos de construção iconográfica até atingir a representação de Jesus nos moldes atuais, isto é: um homem com características europeias, branco, de cabelos compridos, olhos claros e traços finos, ou seja, um Jesus Ariano. E isto não se apaga, infelizmente, da noite para o dia, demanda tempo.

Por falar em arianismo, precisamos igualmente nos lembrar que foi neste mesmo século XIX que as teorias arianas antissemitas começavam a ganhar peso na Europa. Assim, este fenômeno, foi igualmente um fator importante na conjuntura iconográfica da imagem de Jesus atual, isto porque, segundo House, os artistas tentaram de diversas maneiras “distanciar Jesus e seus pais do judaísmo. Muito mais tarde, forças antissemitas na Europa, incluindo os nazistas, tentariam separar Jesus totalmente do seu judaísmo em favor de um estereótipo ariano”<sup>20</sup>. É por esta razão que Aimé Césaire afirma – e bem – que “o burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX [...] carrega consigo um Hitler sem saber”<sup>21</sup>. Destarte, foi

---

<sup>18</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>19</sup> Basta listarmos aqui os personagens que interpretaram os filmes acerca de Jesus, começando com Jordan Willochko em “o filho de Deus” (1897), Jeffrey Hunter em “O Rei dos Reis” (1961); Max von Sydow em “A Maior História de Todos os Tempos” (1965); Ted Neeley em “Jesus Cristo Superstar” (1974); Robert Powell em “Jesus de Nazaré” (1977); Brian Deacon em “Jesus” (1979); Willem Dafoe em “A Última Tentação de Cristo” (1988); Jeremy Sisto em “Jesus – A Maior História de Todos os Tempos” (1999) ou mesmo os mais recentes como: Jim Caviezel em “A Paixão de Cristo” (2004) e Diogo Morgado em “O Filho de Deus” (2014) etc.; estes foram apenas alguns personagens que interpretaram Jesus cujos filmes tiveram reperções estrondosas e todos eles possuem em sua maioria o mesmo perfil: brancos, loiros e de olhos azuis. Portanto, desde 1897 que somos condicionados através das telas de cinema a enxergarmos Jesus como sendo um ariano. Leia mais em: BARBIERI JR., Miguel. Doze atores que interpretaram Jesus Cristo no cinema. *Veja*, 26 fev. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/miguel-barbieri/doze-atores-que-interpretaram-jesus-cristo-no-cinema/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

<sup>20</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>21</sup> CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020. p. 18.

exatamente este Jesus despatriado, estereotipado, ariano que acabou sendo levado, venerado e imposto a todo custo em outras partes do planeta, como África, Ásia e América. Assim, “à medida que os europeus colonizavam terras cada vez mais distantes, traziam um Jesus europeu com eles”. Os missionários jesuítas, por exemplo, que se dirigiram na América do Sul, “estabeleceram escolas de pintura que ensinavam aos cristãos convertidos a arte cristã em um modo europeu”<sup>22</sup>. A imagem do “Noivado Místico de Santa Rosa de Lima”, de Nicolas Correa, que se encontra no Museu Nacional de Arte, ilustra bem o que estamos falando.

**Figura 9:** O Noivado Místico de Santa Rosa de Lima (Nicolas Correa).



**Fonte:** Revista Planeta (Museu Nacional de Arte).<sup>23</sup>

Dito de outra maneira, ensinavam a diferença entre aquilo que era esteticamente belo (a branquitude) e o que não era (o contrário do branco). Sendo Jesus, anjos, e todo panteão divino desenhados como brancos, a mensagem transmitida era óbvia: a branquitude não apenas representaria o belo como também a

<sup>22</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>23</sup> HOUSE, 2020, on-line.

perfeição, e o oposto aplica-se automaticamente, e para que este oposto do branco chegasse ao belo e ao perfeito teriam que necessariamente se aproximar ao padrão ocidental, ou seja, ser branco. É isto que significa a política civilizacional: uma fabricação de mundos, quer visíveis quanto invisíveis assente no racismo, na religião e no capital.

De forma resumida, o processo de embranquecimento da pessoa de Cristo fez parte de um amplo projeto político cujas raízes remontam de séculos. Este projeto não levou em conta, por exemplo, a tradição judaica que rejeitava e condenava, desde seus primórdios, a produção de retratos – pois, para os judeus, isso levaria a uma prática idólatra – muito pelo contrário, aproveitando-se disto, do desinteresse de judeus e dos recém convertidos em produzir retratos que representassem a imagem de Jesus e das lacunas informativas oferecidas pelo texto bíblico, fizeram de suas pretensões um veredito textual, dando origem a diversas interpretações que corroboravam com suas versões imagéticas até que com o tempo transformaram não apenas Jesus, mas o mundo bíblico inteiro em um mundo ariano. Com exceção obviamente dos demônios e do pecado (geralmente retratados no imaginário popular como os não brancos), leitura esta que faz parte de uma visão maniqueísta que foi igualmente utilizada como mecanismo de opressão de outros povos. Portanto, as ciências, obviamente a teologia incluída, em nome deste projeto político estiveram a serviço de uma ideologia supremacista a fim de oprimir outros povos.

Afirmamos, assim, categoricamente, que houve um processo de embranquecimento, não apenas de Cristo, mas do mundo bíblico como um todo, e tal embranquecimento foi decorrente de um projeto político que acabou, sobretudo, por ganhar força com a política de Constantino, que buscava unir o cristianismo ao império, dando conseqüentemente um rosto do opressor ao Cristo. Este Jesus foi polido na renascença e na modernidade e internalizado de forma permanente no século XIX com a colonização. Portanto, vários séculos levaram para que o projeto de Jesus Branco tomasse os moldes que são conhecidos nos dias de hoje, “um homem

com características europeias, branco, de cabelos compridos, olhos claros e traços finos”<sup>24</sup>.

### **Jesus Negro: Um contributo à Teologia Negra e Africana**

Se o(a) leitor(a) chegou até aqui, a pergunta que deve estar se fazendo é: então qual é a cor de Jesus? Uma vez que o nosso texto defende a existência de um processo de branqueamento a respeito da pessoa de Jesus, então por eliminação, Jesus pode ser de qualquer etnia, menos branca. Ainda mais se operacionalizarmos nesta equação as premissas que norteavam as classificações raciais.

Porém, pelo fardo da modernidade, já sabemos que esta resposta não te satisfará, já que para nós, “os outros da colonialidade”, tudo que afirmamos tem que ser devida e extensivamente comprovado – ainda que nossas afirmações contenham muito mais lógica do que a narrativa convencional. Pois bem, uma vez que falamos linhas acima que filosófica, histórica e teologicamente a fundamentação que alega um Jesus Branco de olhos claros ter nascido e vivido na palestina de dois mil anos atrás, não só é totalmente absurda como insustentável, permitam-me dizer o porquê.

A nível filosófico, se a encarnação de Jesus se desse em uma pessoa branca, estaria ratificando a opressão já existente, isto porque o povo africano e “Afro-Israelita”<sup>25</sup> que compunha o mundo bíblico já era um povo sofrido e que sofreria ainda mais na história (Lc 4:18-19; Is 9:2; Mt 4:16). Assim, filosoficamente falando, quer por silogismo ou por lógica, um Jesus negro estaria mais em conformidade com o propósito divino da encarnação. Pois, “o propósito libertador de Cristo que buscou um nascimento humilde, entre os mais pobres e sofridos, não produziria um salvador com a cara do opressor”<sup>26</sup>, sob o risco de sua mensagem cair num grande paradoxo. É o que vai nos dizer Robyn Whitaker, professora de novo testamento da universidade australiana de Pilgrim, em sua defesa de um Deus Negro, e ela acrescenta ainda:

---

<sup>24</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>25</sup> NASH, Peter Theodore. Negritude na Bíblia e na Igreja. In: SCHINELO, Edmilson (org.). *Bíblia e Negritude*: Pistas para uma leitura afrodescendente. São Leopoldo: CEBI, 2005.

<sup>26</sup> BERLOFA; FARIAS, 2021, p. 12.

[...] não posso deixar de me perguntar como seriam nossa igreja e nossa sociedade se aceitássemos que Jesus era negro; o que aconteceria se enfrentássemos a realidade, que não é outra, senão a de um corpo negro pregado na cruz, abatido, torturado e executado publicamente por um regime opressor. Talvez nossa atitude mudasse se compreendêssemos que a injusta prisão, abuso e execução às quais o Jesus histórico foi submetido têm mais a ver com as experiências dos indígenas ou dos refugiados do que com aqueles que detêm o poder da igreja e que se apropriaram da imagem de Cristo. Pode parecer radical, mas não paro de pensar sobre o que poderia mudar se fôssemos conscientes de que a pessoa chamada de Deus pelos cristãos não era branca, mas que o salvador do mundo foi um judeu do Oriente Médio.<sup>27</sup>

Portanto, historicamente falando, as evidências também nos remetem a este cenário de um Jesus Negro. Uma vez que na configuração geopolítica da palestina do primeiro século, os nativos jamais seriam brancos. Mesmo a palestina atual – que ainda assim não é branca – é resultado de um processo migratório e de inúmeras invasões. Destarte, ao percorrermos por uma pesquisa histórica séria, descobriremos que o palestino do primeiro século, época em que Jesus nasceu e viveu, “era de pele escura e cabelos enrolados, portanto negro”<sup>28</sup>.

E por fim, não menos importante, é a nível teológico que talvez encontremos a principal evidência (só lembrando que análise teológica é diferente da análise bíblica, ainda que na prática isto possa se confundir): o novo testamento inteiro fala de um Deus que fez um processo kenótico (Esvaziamento), a fim de experimentar e vivenciar na pele a natureza humana, isto é, Cristo, ao identificar-se com os negros palestinos tornou-se um palestino negro. Ou dito de outra maneira, Deus em Cristo seguindo sua lógica de ser o Emanuel Deus conosco (Mt. 1:23) escolheu o lado dos oprimidos<sup>29</sup> tornando-se oprimido.

E já que mencionamos a análise bíblica, talvez seja necessário também falarmos que apesar de não haver muitas referências a respeito da fisionomia de Cristo – talvez porque não vinha ao caso para os discípulos preocupados com a messianidade de Cristo – ainda assim, encontramos algumas referências que remetem Cristo mais proximamente do Jesus Negro do que da narrativa

---

<sup>27</sup> WHITAKER, Robyn J. Ponto de vista: por que é importante saber que Jesus não era branco. *BBC Brasil*, 18 abr. 2019, on-line. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47985039>. Acesso em: 5 set. 2022.

<sup>28</sup> BERLOFA; FARIAS, 2021, p. 12.

<sup>29</sup> CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

convencionada que pouco ou nada encontramos nos textos bíblicos. É o caso de Mateus capítulo 1 que, ao narrar a genealogia de Cristo, nos apresenta uma série de personagens que nasceram e viveram entre o “Oriente Médio” e África. Talvez alguém se pergunte: e daí? O filho de Deus carrega em sua genealogia ancestrais negros e africanos e isto por si só é significativo e se isto não significa nada para compreendermos a etnia de Cristo então qual critério deveríamos utilizar? Apesar da relutância de alguns que até aceitam que o “Oriente Médio” fosse habitado por “morenos”, “mulatos”, “meio negrinhos”, mas jamais pretos, a história nos comprova que o Oriente Médio, tal como a África, era habitado igualmente por pretos. Aliás, mesmo a própria concepção de “Oriente Médio” ou “Oriente Próximo” carrega em si a marca inventiva daquele que nos caracteriza e estratifica<sup>30</sup>, o branco.

Todavia, isto não deve ser um entrave para buscarmos as raízes africanas e negra de Cristo na bíblia, que é extremamente importante para descrever sua real aparência. E conforme nos diz o teólogo Peter Nash, a melhor maneira de discutirmos a negritude na bíblia e conseqüentemente a negritude da pessoa de Jesus, dentre outras características, é partindo da genealogia de Jesus, e segundo São Mateus – responsável por registrar a genealogia de Jesus – Jesus estaria na linhagem de Caim, e teria ao menos cinco mulheres negras em sua genealogia: Tamar, Raabe, Rute, Bateseba e Maria, que são mencionadas em Mateus 1:1-16. Já sua linhagem masculina é procedente dos chamados “Sem”, os miscigenados das sociedades africanas, e, como dito acima, teria partido de Caim, por sua vez filho de Cananeia, que era negra<sup>31</sup>.

Nos adverte ainda Peter Nash que, a genealogia bíblica deve ser entendida igualmente pelo espectro geopolítico e não tanto pelo prisma da sanguinidade, pois

---

<sup>30</sup> A Bíblia afirma que Jesus nasceu em “Belém de Judá, no tempo do rei Herodes”, o que deixa claro que seu local de nascença seria a África, que só foi separada do local em 1859, quando o Canal de Suez foi construído em Israel e passou a delimitar áreas diferentes. Desde então, culturalmente, geograficamente e antropologicamente o continente foi separado do país, que passou a pregar sua cultura semita, praticamente oposta à dos árabes que haviam ocupado a região anteriormente e hoje fazem parte da Ásia ou do chamado “Oriente Médio”. Ver: SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

<sup>31</sup> Ver: BOTTURA, Pietro. Quebrando mitos: você sabia que Jesus era negro? *Fatos Desconhecidos*, 17 out. 2014. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/quebrando-mitos-voce-sabia-que-jesus-era-negro/>. Acesso em: 5 set. 2022.

Israel, de onde provém o Messias, nunca foi, em nenhum momento, uma união exclusivamente familiar: “historicamente o que fez o povo santo não foi a ligação sanguínea, mas a fé compartilhada num Deus supremo que se coloca ao seu lado e uma união geopolítica”<sup>32</sup>.

Esta forma de entender a genealogia Israelita nos ajuda assim a compreender o porquê de os textos bíblicos narrarem diversos episódios em que há uma integração de estrangeiros e estrangeiras na família sagrada. São os casos do casamento de José com Azenate, uma egípcia (Gn 41.45-50), o casamento de Moisés com uma etíope (Nm 12.1), o que faz com que os filhos de Moises citados na Bíblia sejam metade etíopes e outra metade egípcios. Por outro lado, destas relações resultou uma cultura israelita moldada pela cultura africana: “apesar dos vários textos bíblicos fazerem questão de mostrar as distinções entre a cultura Israelita e cultura dominante, a evidência arqueológica e as evidências nas entrelinhas demonstram muitas ligações entre Israel e Egito. O Egito tocava a música e Israel dançava”<sup>33</sup>. E não podemos nos esquecer ainda que o povo de Israel passou quatrocentos e trinta anos no Egito (Ex 12:40), ou seja, quatro gerações de Israelitas nasceram e morreram no Egito, África. E como diria o camaronês Achille Mbembe, é africano(a) todo(a)s que nascem na África e que tenham alguma linhagem africana e, portanto, não há razão para ser diferente com o povo e com o filho de Deus<sup>34</sup>.

Retomando ainda a questão da linhagem, percebemos pelo texto bíblico que foi através de uma mulher negra, cananeia, abusada e ousada que a tribo de Judá se manteve viva e o povo preservado (Gn. 38), possibilitando, através dele, o nascimento do “leão da tribo de Judá” (Mt.1; Ap. 5:5). Com isto em mente, a passagem que se encontra em Mateus 2:13-23 em que registra a fuga de José, sua esposa e seu filho Jesus para o Egito começam a fazer mais sentido, afinal sua escolha não se deu por acaso, mas sim, de forma estratégica, pois era um lugar ancestral no qual poderiam passar despercebidos caso fossem procurados por lá – vale lembrar que a

---

<sup>32</sup> NASH, 2005, p. 20.

<sup>33</sup> NASH, 2005, p. 23.

<sup>34</sup> MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.

configuração étnica do Egito nesta época não era a mesma que a de hoje, o Egito era negro e africano<sup>35</sup>. Agora imagine alguém tentar esconder um menino de característica nórdica numa África negra. Faz algum sentido? Ao nosso ver, não.

Portanto, caso Jesus fosse igual as imagéticas que inundam nossas telas de cinema e nosso imaginário comum, escondê-lo no Egito seria como “enche-lo de luzes de neon” ou como dizia o Pastor Henriques Vieira “seria como esconder uma criança sueca numa escola na Nigéria”. Isto seria como “tapar o sol com a peneira”. Assim, o que nos parece ser mais coerente é que, se José ao procurar esconder Jesus pensou na África, “é porque a aparência de Jesus era igual a de um africano, se fosse de um grego, ele o esconderia na Grécia”<sup>36</sup>. Isto porque “se Jesus Cristo não fosse um menino negro, ele teria facilmente se destacado entre a população que vivia no Egito naquele período (que poderia ser muitas coisas, mas, definitivamente, não era uma população branca)”<sup>37</sup>.

Podemos terminar esta nossa viagem pela busca de evidências bíblicas da negritude de Cristo com Apocalipse de João, capítulos 1:14,15 e 4:2,3. No primeiro, o autor descreve o cabelo lanoso de Cristo comparando-o à lã do cordeiro, e os pés com a cor de “bronze queimado”<sup>38</sup>. Muitos leem esta passagem com a imagética já embranquecida, imaginando um Gandalf<sup>39</sup>: cabelo branco, liso, todo comprido, às vezes até, rastejando ao chão. Mas se esquecem de um detalhe que nos oferece o Apóstolo Paulo em relação a cabeleira dos Judeus, que é interessante aqui de ser resgatado. Segundo consta na primeira Epístola aos Coríntios, 11:14 “é uma desonra para o homem ter cabelo comprido”. O que indica que o próprio Jesus não tivesse tido madeixas longas, como costuma ser retratado ou imaginado. Aproximando-se mais

---

<sup>35</sup> Ver: BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers University, 1991.

<sup>36</sup> BERLOFA; FARIAS, 2021, p. 13.

<sup>37</sup> SANTOS, Ynaê Lopes dos. Por que Jesus ser negro incomoda tanto? *Deutsche Welle*, 25 dez. 2021, on-line. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-jesus-ser-negro-incomoda-tanto/a-60256900>. Acesso em: 5 set. 2022.

<sup>38</sup> A estas alturas acreditamos que não precisamos explicar mais a que cor se aproxima o bronze queimado ou refinado. Mas para quem desconhecer, basta dar uma “gloogada” e verá que não é branco. Uma curiosidade: quando pessoas brancas querem aparentar ser “mais morenas” ou ter o tom de pele mais escura, geralmente elas fazem bronzeamento. O que isto quer dizer? Apenas curiosidade mesmo.

<sup>39</sup> Personagem da trilogia “O Senhor dos Anéis” 2001, 2002, 2003.

do personagem de Morgan Freeman em o “Todo poderoso” (2003) do que de Ian McKellen em Gandalf. E acreditamos que é exatamente assim que João estava descrevendo seu mestre: um homem negro de cabelo branco e curto, pois, para o mundo judeu e posteriormente romano, do primeiro ao terceiro século “a aparência aceitável para um homem eram barbas feitas e cabelos curtos”<sup>40</sup>.

Segundo este discípulo de Cristo que caminhou com ele em vida e, portanto, o conhecia perfeitamente, ele nos relata ainda no capítulo 4:2 e 3 do mesmo livro que viu seu mestre (Jesus) assentado num trono, com a face resplandecendo como brilham as pedras de jaspe e sárdio. Ora, João, dentre tantos objetos preciosos do reino mineral que poderiam descrever o rosto glorificado de Cristo, utiliza-se das chamadas “pedras negras”, com cores que variam do preto ao avermelhado acastanhado, nunca branco ou claro. Esta comparação justifica-se porque uma vez ele ter convivido com Cristo, fazia mais sentido para ele, descrever o Cristo glorificado com figuras cuja aparência ele já conhecia, mas que não fugia igualmente da aparência de Cristo antes da glorificação, ou seja, um Jesus preto, agora glorificado<sup>41</sup>.

### **Por que a imagética de Jesus importa?**

Não podemos terminar este texto sem responder uma pergunta que, com toda a certeza, pairará na cabeça de quem nos lê: Por que resgatar esta leitura de Jesus Negro nos dias atuais? Porque é mais coerente com a verdade bíblica. Porque é nosso dever não mais compactuar com a mentira da colonialidade e porque precisamos exorcizar este demônio chamado racismo que perverteu toda nossa forma de ser humano, bem como, nossa maneira de enxergar e nos relacionar com o divino.

A negritude de Cristo, quer literal quanto simbólica, é uma das discussões e a grande alegria que a teologia negra e a teologia africana proporcionam ao povo negro, sobretudo àqueles que, assim como Ramá, não conseguem achar consolo quer na teologia quanto na figura embranquecida de Cristo. A negritude de Cristo apregoada

---

<sup>40</sup> Afirma ainda a historiadora Joan E. Taylor que “um filósofo da antiguidade provavelmente tinha cabelo curto e, talvez, deixasse a barba por fazer”. Ver: VEIGA, 2018, on-line.

<sup>41</sup> Esta premissa aplica-se igualmente para a descrição que João faz da cor dos pés de Jesus comparando-o ao bronze queimado.

pela teologia negra e teologia africana é, neste sentido, “tanto literal quanto simbólica”. Ela se torna literal no sentido de que Jesus verdadeiramente se tornou Um com os negros<sup>42</sup>, e ela é simbólica no sentido de que os negros se encontram e se reveem nos evangelhos e na vida histórica do seu criador. Conforme James Cone, “dizer que Cristo é negro significa que o povo negro é o povo pobre de Deus a quem Cristo veio libertar”. Isto significa dizer que, “nenhum evangelho de Jesus Cristo é possível [...] sem que se ponha em sintonia com a história e a cultura daquele povo que lutou para dar testemunho do nome de Jesus em circunstâncias extremas de aflição”. Do mesmo jeito, “dizer que Cristo é negro significa que Deus, em sua sabedoria e misericórdia infinitas, não apenas leva a cor seriamente” como também “a toma sobre si e revela sua vontade de fazer de todos nós novas criaturas nascidas no espírito da negritude divina e redimidas através do sangue do Cristo Negro”<sup>43</sup>.

Portanto, cristo é negro não por causa de alguma necessidade cultural ou psicológica do povo negro, mas por causa e somente porque Cristo realmente entra em nosso mundo, onde os pobres, os desprezados estão revelando que ele está com eles, sofrendo a humilhação e a dor deles e transformando os escravos oprimidos em servos libertados.<sup>44</sup>

Em contraposição a essa verdade:

Se Cristo não é negro, o evangelho não é boa nova para os oprimidos, e a observação de Marx está correta: ‘a religião é o sinal da criatura oprimida, o coração de um mundo insensível [...] a alma de uma situação sem alma. É o Ópio do povo’.<sup>45</sup>

Em suma, o que estamos argumentando com base teológica, filosófica, histórica e bíblica é que houve um processo de embranquecimento pelo simples fato de que um Jesus com aspecto de um ser humano comum, um homem que viveu uma vida simples até quase os seus trinta anos, um não branco, ou se quisermos ir mais longe, um negro. Este Jesus, em um mundo forjado pela prática do racismo, não é de alto interesse. Ou como diria Cone<sup>46</sup>, em um mundo mergulhado no pecado original

<sup>42</sup> A negritude de Cristo se encontra assim no contexto sociológico que deu origem aos movimentos civis nos EUA, aos cantos *spiritual*, aos movimentos de libertação nos contextos africanos etc.

<sup>43</sup> CONE, 1985, p. 150. O título cristológico na perspectiva da negritude se explica do mesmo modo que se pode explicar o título cristológico do Cristo Filho do Homem ou filho de Davi.

<sup>44</sup> CONE, 1985, p. 150.

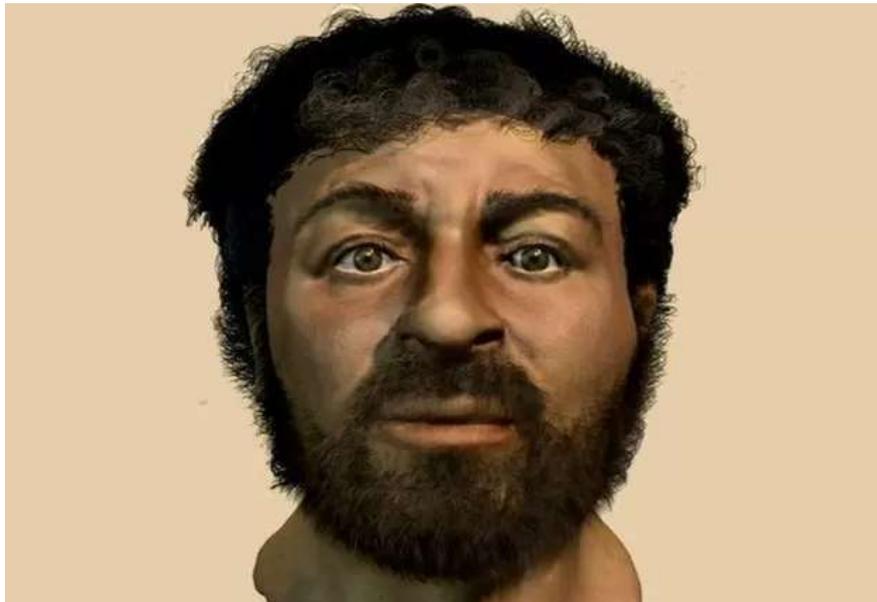
<sup>45</sup> CONE, 1985, p. 151.

<sup>46</sup> CONE, 1985.

do racismo, o Jesus Negro, apesar de assim o ser: histórica, teológica, genealógica e geograficamente, gera ainda desconforto, por ser subversivo e um ato antirracista.

A respeito deste desconforto, tivemos esta comprovação com as imagens divulgadas e reproduzidas no ano de 2001 pela BBC, que, segundo o autor do documentário, Richard Neave, tal ilustração representava a imagem mais próxima de Jesus. Eis a imagem abaixo:

**Figura 10:** Jesus (Richard Neave – 2001).



**Fonte:** BBC Brasil.<sup>47</sup>

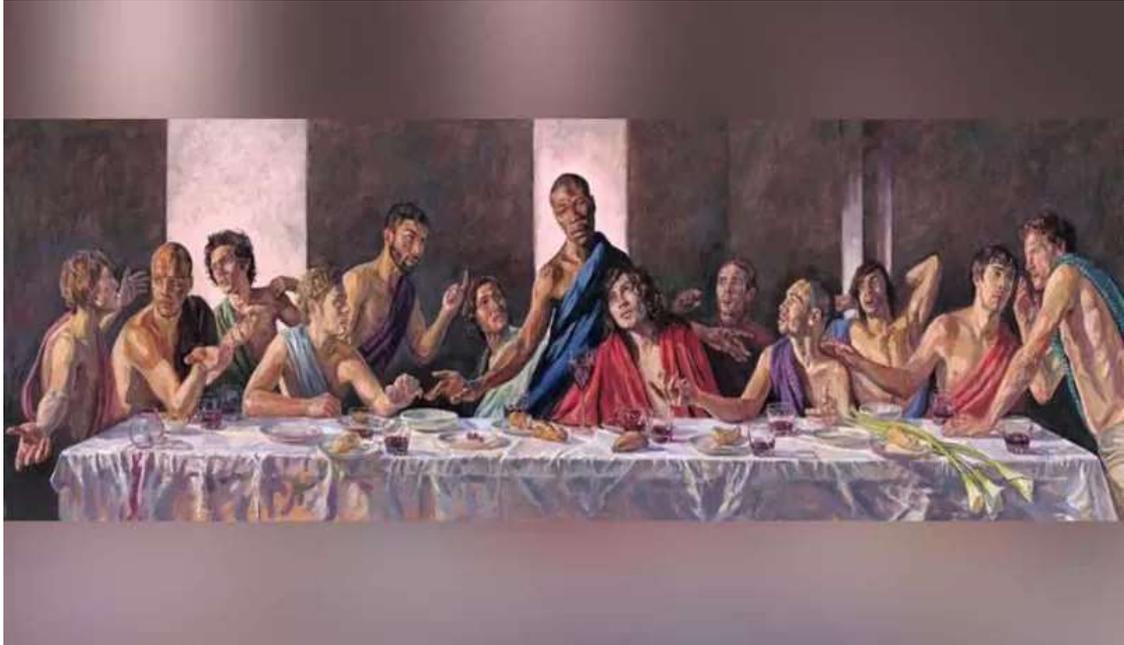
Apesar de ser esta imagem fruto de um denso estudo científico, ainda assim, as críticas por parte de um grupo defensor do Jesus Branco não se fizeram por esperar. Um outro episódio ocorreu em 2020, com a recolocação do quadro da Santa

---

<sup>47</sup> Em 2001, para um documentário produzido pela BBC, o especialista forense em reconstruções faciais britânico Richard Neave utilizou conhecimentos científicos para chegar a uma imagem que pode ser considerada próxima da realidade. A partir de três crânios do século 1, de antigos habitantes da mesma região onde Jesus teria vivido, ele e sua equipe recriaram, utilizando modelagem 3D, como seria um rosto típico que pode muito bem ter sido o de Jesus. VEIGA, 2018, on-line.

Ceia na Igreja Anglicana do Reino Unido, da artista Lorna May Wadsworth, que mostrava um Jesus negro<sup>48</sup>, conforme imagem abaixo:

**Figura 11:** Santa Ceia (Lorna May Wadsworth).



**Fonte:** BBC Brasil.<sup>49</sup>

Neste caso concreto, os críticos deram um passo a mais em seus descontentamentos, já que o trabalho original, pintado em 2010, foi alvo de um tiro quando exibido em uma igreja de Gloucestershire. Todas estas reações e posicionamentos revelam um sentimento e uma espiritualidade que não conseguem transbordar as fronteiras do racismo<sup>50</sup>. Esta premissa é aplicável também para aqueles que pensam que para quem acredita nas mensagens de Jesus, suas feições reais pouco importam, como por exemplo, afirmou o teólogo católico Francisco Catão à BBC ao ser confrontado diante das novas pesquisas:

<sup>48</sup> O quadro foi colocado no Altar dos Perseguidos na ala norte da Catedral Anglicana de St Albans, cidade a cerca de 35 km de Londres.

<sup>49</sup> CATEDRAL REABRE COM Jesus negro em pintura de última ceia no Reino Unido. *BBC Brasil*, 4 jul. 2020, on-line. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53291411>. Acesso em: 5 set. 2022. A artista usou um modelo jamaicano de base para sua interpretação da obra do século XV de Leonardo da Vinci, e disse que ela queria "fazer as pessoas questionarem o mito ocidental de que Jesus Cristo tinha cabelo claro e olhos azuis".

<sup>50</sup> VEIGA, 2018.

Nunca me ocupei diretamente da aparência física e as suas feições reais pouco importam. Nunca me ocupei diretamente da aparência física de Jesus. Na verdade, a fisionomia física de Jesus não tem tanta importância quanto o ar que transfigurava de seu olhar e gestos, irradiando a misericórdia de Deus, face humana do Espírito que o habitava em plenitude. Fisionomia bem conhecida do coração dos que nele creem.<sup>51</sup>

Na verdade, esta é também uma forma de deslegitimar a luta antirracista, ou, parafraseando Anna Arendt, é também uma forma de “banalização do racismo”, já que quando precisaram a imagem era tudo, agora que comprovadamente se desmascarou a falsidade do racismo, ao invés de reconhecer a responsabilidade da igreja nesta imagética racista, cria-se uma nova narrativa no qual a imagem não importa. No entanto, poderíamos aqui nos interrogar: se a imagem não importa, o que faremos com a imagética literalmente introduzida a ferro e fogo em nossa espiritualidade? Será que dizer simplesmente que a imagem não importa apaga automaticamente a imagem já impregnada em nosso imaginário? Portanto, o discurso de que a “imagem não importa” é igualmente falacioso. Assim, mais do que simplesmente dizer que a “imagem não importa”, é preciso restaurar a imagética real de Cristo contida em nossa espiritualidade.

É o que nos diz Robyn J. Whitaker: a afirmação do Deus/Jesus Negro é muito importante, já que, “como sociedade, somos plenamente conscientes do poder da representação e da importância da diversidade de modelos de comportamento”<sup>52</sup>:

Lupita Nyong'o alcançou a fama depois de ganhar o Oscar de melhor atriz coadjuvante em 2013. Desde então, a intérprete queniana confessou em várias entrevistas que, quando era jovem, tinha um sentimento de inferioridade porque todas referências de beleza que ela via, eram de mulheres brancas. Foi só quando a modelo sudanesa Alek Wek entrou no circuito da moda que Nyong'o percebeu que poderia ser tão bonita quanto ela. Se somos capazes de reconhecer a importância da diversidade étnica e física em modelos de comportamento nos meios de comunicação, o que nos impede de fazer o mesmo com a fé? Por que seguimos permitindo que a

<sup>51</sup> VEIGA, 2018, on-line.

<sup>52</sup> WHITAKER, 2019, on-line. Me atrevo a dizer, inclusive, que a representação tradicional de Cristo produz uma desconexão cognitiva em que um indivíduo pode sentir um grande afeto por Jesus e, ao mesmo tempo, demonstrar pouca empatia por uma pessoa do Oriente Médio. Da mesma forma, a afirmação teológica de que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus tem consequências: se Deus é sempre representado como um homem branco, por padrão os homens serão brancos, uma ideia subjacente a um racismo latente. Historicamente, o branqueamento de Jesus contribuiu para que cristãos perpetrassem um dos mais terríveis atos antissemitas já documentados. Atualmente, ele continua a se manifestar em países como a Austrália, onde é comum rotular australianos não-anglo-saxões como "os outros".

imagem de Jesus branco seja aquela que predomina? Numerosas igrejas e culturas representam Cristo como um homem de pele escura ou diretamente negro. Os cristãos ortodoxos têm uma iconografia que difere substancialmente da exigida pela arte europeia. De fato, se você visitar uma igreja na África, é bem provável que encontre com um Jesus negro. No entanto, imagens como essa não são vistas em igrejas protestantes ou católicas na Europa ou na Austrália, meu país. Essa diferença é uma perda importante, e permite que a comunidade cristã predominante separe sua devoção por Jesus da atenção compassiva que concede àqueles que consideram diferentes.<sup>53</sup>

A historiadora Ynaê Lopes dos Santos, atacando o mesmo problema, mas partindo de uma interrogação inversa a da Whitaker, chega a mesma conclusão: por que incomoda tanto Jesus Cristo ter sido um homem negro, sendo que todas as evidências históricas apontam para isso? Assim ela se interrogava em relação ao desconforto que gera uma reação violenta ou uma reação omissa. Esta mesma historiadora nos responde esta pergunta da seguinte forma:

A resposta está menos na vida e nos feitos desse Jesus Cristo negro e revolucionário, e mais naquilo que foi feito de sua vida – uma construção que teve várias fases, é verdade. Construir e replicar a ideia e a imagem de um Jesus Cristo loiro e de olhos azuis, atrelando a essa imagem a ideia de bondade e também de humanidade, foi um prato cheio para a efetivação da colonização das sociedades americanas, do tráfico de africanos escravizados, da exploração de todos aqueles que não eram a imagem e semelhança do grande salvador. Negar a negritude de Jesus Cristo é, nada mais, nada menos, do que reforçar as amarras do racismo que nos constitui, desrespeitando não só a história desse homem, como naturalizando a falaciosa ideia de que o bom, o belo e o civilizado têm cores definidas.<sup>54</sup>

Assim, é chegada a hora de olharmos com olhos renovados para algo que você pensa que já conhece e subverter, deste modo, as amarras do racismo que perpetuam em orientar e organizar nossas igrejas, nossa teologia, nossa imagética e nossa sociedade.

### **Notas conclusivas**

Muitos, ao lerem este artigo, nos chamarão conotativamente de pretensiosos, outros, dirão que a imagem de Jesus não importa, “afinal, o que é adorado é a sua história e sua posição divina, portanto, não importa qual seja a sua fisionomia, Ele é

---

<sup>53</sup> WHITAKER, 2019, on-line.

<sup>54</sup> SANTOS, 2021, on-line.

de extrema importância e deve ser respeitado e louvado”<sup>55</sup>. Assim, pelo grau de pertinência deste tipo de pensar, permitam-me retomar aqui algo que já abordamos no corpo do texto. Em primeiro lugar, ao percorrermos pela negritude de Jesus, não é pretensão nossa desrespeitá-lo, pelo contrário, buscamos reparar uma falta de respeito feita para com Ele e em Seu nome. Segundo, a premissa acima já não mais nos intimida, pois este é o fardo da colonialidade habituada em descrever para os demais o que importa e o que não importa, um fardo que hoje carregamos de forma irreverente, já que, conforme argumentado acima, esta mesma colonialidade que descreveu em um determinado momento da história (quando as beneficiava) que a imagem importava, tanto é assim que as pintou em seus templos, murais, telas etc., agora, ao confrontá-la, ela nos diz que já não importa. Como acreditá-la, diante dos nefastos efeitos psíquicos, espirituais e sociais de sua narrativa perpetuada ao longo dos séculos?<sup>56</sup>

A respeito desta pretensa banalização do racismo, dirigida àqueles que criticam a imagem embranquecida de Jesus, nos diz a historiadora House que criticar o embranquecimento em torno da figura de Jesus é importante pelo fato das imagens de Jesus historicamente terem sido utilizadas para muitos propósitos, “desde simbolicamente apresentar seu poder até representar sua real semelhança”. House conclui seu raciocínio da seguinte forma: “Mas a representação é importante, e os espectadores precisam entender a complicada história das imagens de Cristo que consomem”<sup>57</sup>. E aqui diríamos que não apenas historiadore(a)s, como também todos aquele(a)s que de alguma forma são interpelados pela figura de Jesus.

O teólogo americano Peter Nash corrobora com nossa afirmação ao dizer que as escolas teológicas não podem mais continuar fingindo não perceber os buracos enormes na lógica que pressupõe um mundo bíblico (um Jesus) clarinho<sup>58</sup>. As pessoas não podem mais fingir desconhecer “os perigos da história única” sobre a

---

<sup>55</sup> VEIGA, 2018, on-line.

<sup>56</sup> Porque o Espírito que vocês receberam de Deus não torna vocês escravos e não faz com que tenham medo. Pelo contrário, o Espírito torna vocês filhos de Deus; e pelo poder do Espírito dizemos com fervor a Deus: “Pai, meu Pai basta deste sistema racista!” (Rm. 8:15)

<sup>57</sup> HOUSE, 2020, on-line.

<sup>58</sup> NASH, 2005.

imagética de Jesus<sup>59</sup>. Pois, em um mundo construído a base do racismo estrutural e estruturante, cuja imagem de Jesus é usada para sustentar noções de supremacia branca, enegrecer nossa leitura bíblica e nossa visão sobre Jesus faz total diferença. Pois, sendo Jesus o parâmetro da humanidade, sua vida, sofrimento, triunfo e negritude possibilitam uma identificação imediata com o povo negro. Uma vez que o povo negro teve sua humanidade, sua estética, sua corporalidade, sua cultura etc., retirada, silenciada e apagada sob justificativa do Jesus da teologia da dominação, observar todos estes elementos na figura de Jesus se torna uma ferramenta antirracista e libertadora.

Por todo o exposto neste ensaio, fica evidente que o embranquecimento de Cristo, sobretudo na América Latina e África, as imagens de um Jesus Branco reforçam um sistema racista em que europeus cristãos e brancos ocupam o nível superior, enquanto aqueles com pele mais escura a partir da percepção de mistura com populações nativas ou africanas são consideravelmente vistos como inferiores. A imagética branca de Cristo, por meio da iconografia e da teologia ocidental serviu, portanto, muito bem aos desígnios da branquitude, mesmo ainda para a disseminação do mito da democracia racial<sup>60</sup>. Diante deste quadro, já há muito desenhado, não basta dizer que a imagem não importa, é preciso repor a verdade histórica e teológica, e fazendo isto estaremos nos direcionando pelo sopro antirracista do Espírito. Pois, esta é uma verdade que poderá libertar tanto negros quanto brancos da falsidade do racismo.

---

<sup>59</sup> Segundo Chimamanda Adichie a história única visa a subalternização e dominação do outro. Assim, “É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder [...] como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (p. 13). O poder aparece aqui como sendo “a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (p. 13). Como em termos práticos funcionaria isso? Adichie nos responderia da seguinte forma: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (p. 12). Parafraseando a autora: mostre um Jesus, um Jesus Branco, e construa uma teologia em seu redor, de preferência de dominação, e é assim que se tornará esse povo: um povo subalternizado, cuja teologia é alienígena à sua experiência de vida. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>60</sup> “A pintura do artista Nicolas Correa, em 1695, de Santa Rosa de Lima, a primeira santa católica nascida na ‘Nova Espanha’, em que mostra seu casamento metafórico com um Cristo loiro e de pele clara” é igualmente reflexo disto. HOUSE, 2020, on-line.

Assim, a imagem de um Cristo Branco, se por um lado deixou aos povos não brancos um legado de humilhação, deixou aos brancos, sobretudo na pós colonização, um legado em que este associou Jesus à lógica do império, o que os confere carta aberta para justificar a opressão e violência para com os nativos e afro-americanos. O resgate do Jesus Negro trouxe consigo o ar subversivo dos evangelhos. Em vista disto, o entendimento de Cristo como negro não é, portanto, uma pretensão nossa de substituir, apenas por capricho, mas a reparação de um legado sofrido e a recuperação de uma humanidade apagada daquele que é em si mesmo, Negro<sup>61</sup>.

Por que a imagética de um Jesus negro importa? Porque nos permite enquanto igreja de Cristo e ao mesmo tempo negro(a)s, revitalizar nossa fé. Assim nos dizia uma de nossas interlocutoras de Angola que tivemos oportunidade de conversar, e acrescentou: “Essa reflexão e verdade de um Jesus Negro deve ser apregoada com a mesma insistência com que foi apregoada a narrativa branca”, diferenciando-se, obviamente, na sua pretensão universalizante<sup>62</sup> e excludente, pois, quiçá assim teríamos realmente realizado o propósito de Cristo em querer libertar o(a)s condenado(a)s da terra. “Mas por outro lado, meu ceticismo me remete sempre a mesma interrogação” dizia esta mesma interlocutora: “Será que o povo negro também está pronto para essa verdade?”<sup>63</sup> Esta pergunta faz todo sentido na medida em que afirmamos que por séculos foi-nos introduzido de forma violenta a ideia de que o branco simboliza belo, divino e superioridade, tanto que até nós (negros) aceitamos melhor e de forma mais aberta um Deus Branco, fazendo com que esta inferioridade surja agora, de forma inconsciente em nossa mente. “Uma falsidade que está impregnada até em nosso DNA”<sup>64</sup>, conclui nossa interlocutora. Isto talvez tenha alguma relação com o que nos diz o Apóstolo Paulo em Romanos 8. Sim, de forma inconsciente reproduzimos a velha natureza do racismo imposto em nós, afetando

---

<sup>61</sup> Para que tenhamos um mundo diferente, sem que a faca do racismo atravessasse nossa existência, comecemos revisitando a história mais contada em todo o Ocidente. Aquela que começa na noite em que um menino pobre e negro nasceu numa manjedoura. SANTOS, 2021.

<sup>62</sup> Nesta nova narrativa abre-se possibilidade de convivência das diferentes concepções em torno da figura de Jesus. Um mundo não excludente, mas sim de todos.

<sup>63</sup> ALMEIDA, Telma. [Mensagem pessoal]. WhatsApp, 6 set. 2022.

<sup>64</sup> ALMEIDA, 2022.

tanto a maneira com que enxergamos a Deus quanto a maneira com que nos enxergamos a nós mesmos. Contudo, temos a obrigação de nos libertar desta velha natureza: “Portanto, meus irmãos, nós temos uma obrigação, que é a de não vivermos de acordo com a nossa natureza humana atrelada ao pecado do racismo” (Rm 8:12).

A comunidade negra espera com muita impaciência o momento em que Deus vai revelar o que os seus filhos realmente são. Pois, como disse nossa interlocutora, muitos deles se tornaram inúteis à causa antirracista, não pela sua própria vontade<sup>65</sup>, porém, existe esta esperança. Um dia todos eles ficarão livres do poder destruidor que o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois, sabemos até agora que a comunidade negra espalhada na face da terra geme e sofre pelo pecado sistêmico do racismo, e não somente os que são menos esclarecidos em relação ao pecado do racismo, mas nós também, que temos o sopro antirracista do Espírito Santo como o primeiro presente que recebemos de Deus, nós também gememos dentro de nós mesmos enquanto esperamos que Deus faça com que sejamos seus filhos e nos liberte completamente (Rm 19:23).

Portanto, a esperança do verbo esperar, aquela que nos liberta e ao mesmo tempo liberta aos demais, é necessária nesta luta na medida em que “foi por meio da esperança que fomos salvos [...] então esperamos com paciência”. E o Espírito de Deus, através do seu sopro antirracista, vem nos ajudar em nossas lutas. Pedindo a Deus em nosso favor. “E Deus, que vê o que está dentro do coração, sabe qual é o pensamento do Espírito. Porque o Espírito pede em favor do povo de Deus e pede de acordo com a vontade de Deus” (Rm. 8:27). Sendo que a vontade de Deus para com a sua igreja é a sinalização do reino de Deus (Justiça, Paz, Verdade e Amor) no aqui e agora, sabemos, portanto, de antemão, que estará trabalhando por nós em nossa empreitada por um mundo em que os valores do reino se sobressaiam, “pois sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem ele chamou de acordo com o seu plano de redenção” (Rm 8:29).

---

<sup>65</sup> Será que alguém poderá condená-los? Ninguém! Pois, se assim for retirá-los o foco do que realmente importa: o racismo que os relegou a este estado de niilismo. Portanto, o niilismo aparece aqui como mecanismo de defesa da violência do racismo.

Este fato leva-nos a questionar juntamente com o Apóstolo Paulo: “Diante de tudo isso, o que mais podemos dizer? Se Deus está do nosso lado, quem poderá nos vencer? Ninguém!” Aqui, alguém talvez se interrogue: quem garante que Deus escolhe um lado na luta antirracista? O teólogo James Cones com a sua obra “Deus dos Oprimidos”, para além de situar Deus ao lado dos oprimidos, vaticina igualmente um dia em que através do sopro antirracista do Espírito, o pecado do racismo enfim terminará, e este dia chegará, pois, se Deus está do nosso lado, ninguém poderá nos vencer<sup>66</sup>. Portanto, sabemos que Deus assume um lado nesta luta, porque ele não é indiferente a banalização da vida, coisa que claramente o racismo sistêmico tem causado. Eis um relato de Romanos 8: 5 e 6 lidos do ponto de vista antirracista: “Porque as pessoas que vivem de acordo com o pecado sistêmico do racismo, têm a sua mente controlada por essa mesma natureza, portanto, se tornam racistas. Mas as que vivem de acordo com o agir do sopro antirracista do Espírito de Deus (tendo uma postura antirracista) têm a sua mente controlada pelo mesmo Espírito (empenhados na luta antirracista). As pessoas que têm a mente controlada pelo pecado do racismo, acabarão morrendo espiritualmente; mas as que têm a mente controlada pelo Espírito antirracista de Deus terão a vida eterna e a paz”.

Eis a razão de afirmamos que a espiritualidade gestada por uma teologia branca gera uma igreja “necroespiritualizada” ou uma “necroespiritualidade”, que nada mais é do que uma espiritualidade que promove a morte<sup>67</sup>. “Porque, se vocês viverem de acordo com o pecado do racismo, vocês morrerão espiritualmente; mas, se pelo Espírito de Deus vocês matarem as suas ações pecaminosas racistas, vocês viverão espiritualmente” (Rm. 8:13). Por último, por que a imagética de um Jesus negro importa? Porque nos permite sair de uma “necroespiritualidade” para uma

---

<sup>66</sup> Não é por acaso que dizia o Músico Don L em uma de suas letras: “lutar do lado errado é já perder a guerra, do lado certo a gente, Vence, mesmo quando perde. E quando vence, vence duas vezes. Triunfamos e eles terão que retroceder novo alvorecer e agora terão que reconhecer a volta da vitória. DON L. A volta da vitória. *Roteiro pra Ainouz* [Álbum], son., 3min36s, 2021. 2 v.

<sup>67</sup> Neste caso se concretizaria a pergunta feita por Robert Adolfs em seu livro “Igreja, túmulo de Deus?” A igreja necroespiritualizada não apenas tem feito da Igreja de Cristo um túmulo de Deus, mas sobretudo, um túmulo de sonhos humanos e do reino de Deus. ADOLFS, Robert. *Igreja, túmulo de Deus?* São Paulo: Paz e Terra, 1968.

“zoiespiritualidade” (uma espiritualidade viva daquele que é o caminho (ὁδός/ hodós), a verdade (ἀλήθεια/ alétheia) e a vida (ζωή/ zōē))<sup>68</sup>.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADOLFS, Robert. *Igreja, túmulo de Deus?* São Paulo: Paz e Terra, 1968.

ALMEIDA, Telma. [Mensagem pessoal]. WhatsApp, 6 set. 2022.

ARENDT, Anna. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

A ÚLTIMA CEIA (Leonardo da Vinci). *Wikipédia*, 27 maio 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_%C3%9Altima\\_Ceia\\_\(Leonardo\\_da\\_Vinci\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%9Altima_Ceia_(Leonardo_da_Vinci)). Acesso em: 18 ago. 2022.

BARBIERI JR., Miguel. Doze atores que interpretaram Jesus Cristo no cinema. *Veja*, 26 fev. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/miguel-barbieri/doze-atores-que-interpretaram-jesus-cristo-no-cinema/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BERLOFA, João Paulo; FARIAS, Elias Soares. *O Negro Nazareno*. São Paulo: Recriar, 2021.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers University, 1991.

BOTTURA, Pietro. Quebrando mitos: você sabia que Jesus era negro? *Fatos Desconhecidos*, 17 out. 2014. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/quebrando-mitos-voce-sabia-que-jesus-era-negro/>. Acesso em: 5 set. 2022.

CATEDRAL REABRE COM Jesus negro em pintura de última ceia no Reino Unido. *BBC Brasil*, 4 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53291411>. Acesso em: 5 set. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

---

<sup>68</sup> Cfe. João 14:6. SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo testamento interlinear grego português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

DON L. A volta da vitória. *Roteiro pra Ainouz* [Álbum], son., 3min36s, 2021. 2 v.

HOUSE, Anna Swartwood. A longa história de como Jesus veio a se parecer com um europeu branco. *Revista Planeta*, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/a-longa-historia-de-como-jesus-veio-a-se-parecer-com-um-europeu-branco/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

JOÃO, Emiliano Jamba António; BUENO, Rogério Donizetti (org.). *Teologia e Negritude: os deslocamentos da teologia a partir da experiência negra*. São Paulo: Recriar, 2019.

JUÍZO FINAL (MICHELANGELO). *Wikipédia*, 16 mar. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo\\_Final\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo_Final_(Michelangelo)). Acesso em: 18 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.

NASH, Peter Theodore. Negritude na Bíblia e na Igreja. In: SCHINELO, Edmilson (org.). *Bíblia e Negritude: Pistas para uma leitura afrodescendente*. São Leopoldo: CEBI, 2005.

QUEM CRIOU A Primeira Imagem De Jesus? *Cultura Mix*, © 2022. Disponível em: <https://religiao.culturamix.com/religiosidades/quem-criou-a-primeira-imagem-de-jesus/>. Acesso em: 5 set. 2022.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Por que Jesus ser negro incomoda tanto? *Deutsche Welle*, 25 dez. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-jesus-ser-negro-incomoda-tanto/a-60256900>. Acesso em: 5 set. 2022.

SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo testamento interlinear grego português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

VEIGA, Edison. O que os historiadores dizem sobre a real aparência de Jesus. *BBC Brasil*, 28 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>. Acesso em: 5 set. 2022.

WHITAKER, Robyn J. Ponto de vista: por que é importante saber que Jesus não era branco. *BBC Brasil*, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47985039>. Acesso em: 5 set. 2022.